

TRABALHOS DE PESQUISAS

INVENTÁRIO DE SATISFAÇÃO SEXUAL

Lina Wainberg¹; Cláudio Simon Hutz²

SEXUAL SATISFACTION INVENTORY

Resumo: A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera, além do bem-estar físico, mental e social, também a saúde sexual como um dos parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade de vida de um indivíduo ou comunidade. No entanto, observa-se que esta é uma área ainda negligenciada no cuidado primário da saúde das populações. O presente artigo se propôs a construir um instrumento capaz de mensurar a satisfação sexual de homens e mulheres que contemple tanto a satisfação emocional quanto o prazer físico. Para isso, foram construídas três escalas: *Escala de satisfação sexual emocional*, *Escala de satisfação com atividades sexuais* e a *Escala de satisfação com o orgasmo*. Com base em uma amostra de 799 sujeitos da população brasileira, foi realizada a análise fatorial e verificação de consistência interna de cada uma das escalas. Essas análises permitiram verificar boas qualidades psicométricas e tornaram-se, assim, uma opção de instrumento de avaliação da satisfação sexual para população brasileira.

Palavras-chave: satisfação sexual; instrumento; avaliação

Abstract: The World Health Organization (WHO) considers as well as the physical, mental and social well being, the sexual health also has been considered one of the parameters used to evaluate the quality of life of an individual or community. However, this is still a neglected area in primary health care of populations. This study aimed to build an instrument capable of measuring sexual satisfaction of men and women, contemplating both emotional satisfaction and physical pleasure. Onto this purpose, three scales were constructed: *Emotional Sexual Satisfaction Scale*, *Sexual Activity Satisfaction Scale* and *Scale of Satisfaction with Orgasm*. From a sample of 799 subjects in the Brazilian population, a factor analysis and verification of internal consistency of each scale was analysed. These analysis confirmed good psychometric qualities becoming an option of measure for assessing sexual satisfaction for the Brazilian population.

Keywords: sexual satisfaction; measure; evaluation

1. Psicóloga, Especialista em Terapia de Casal e Família, Mestre em Sexologia e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. e-mail: linawainberg@hotmail.com

2. Professor Titular da Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Coordenador do Laboratório de Mensuração do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento e Personalidade.

A sexualidade tem sido descrita como um dos aspectos mais centrais e básicos da natureza humana (CLAYTON, 2007; PANGMAN, SEGUIRE, 2000). A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera além do bem-estar físico, mental e social também a saúde sexual como um dos parâmetros utilizados para se avaliar a qualidade de vida de um indivíduo ou comunidade (EDWARD, COLEMAN, 2004; WALTERS, WILLIAMSON, 1998). No entanto, observa-se no mundo atual que esta é uma área ainda negligenciada no cuidado primário da saúde das populações (ROWLAND, PERELMAN, ALTHOF, BARADA, MCCULLOUGH, BULL, JAMIESON, HO, 2004).

Pesquisa recente (MULHALL, KING, GLINA, HVIDSTEN, 2008), que investigou 27 países (inclusive o Brasil), revelou que a insatisfação sexual é generalizada, atingindo 58% das mulheres e 57% dos homens que declaram não estar plenamente satisfeitos com sua vida sexual. No consenso do *Sexual Function Health Council of the American Foundation for Urologic Disease*, foi proposto que a disfunção da satisfação sexual fosse acrescentada como uma nova categoria diagnóstica de disfunção sexual no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)* (DUNDON, RELLINI, 2010). Como mostram Pacagnella, Martinez e Vieira (2004), é possível e até relativamente frequente encontrar mulheres que querem ter atividade sexual, ficam excitadas, têm orgasmo e mesmo assim se sentem insatisfeitas. Foi precisamente nessa linha que também o CID-10 (1992) introduziu o diagnóstico de falta de prazer sexual, que possibilita a categorização dos casos clínicos em que homens e mulheres, apesar de passar sequencialmente pelas várias fases do ciclo de resposta sexual, referem uma ausência de prazer subjetiva.

Apesar da onipresença da insatisfação, definir o que constitui uma vida sexual satisfatória tem sido problemático. Pesquisadores da área da sexualidade (FEGG, GERL, VOLLMER, GRUBER, JOST, MEILER, HIDDEMANN, 2003) consideram que muitos dos dados sobre a satisfação sexual

são inconclusivos. Provavelmente isso é decorrência da grande variedade de critérios utilizados para operacionalizar o conceito de *satisfação sexual*. M. Young, Denny, T. Young e Luquis (2000) conferem essa diversidade de definições à dicotomia existente entre estar satisfeito ou, no outro extremo, insatisfeito, com seu relacionamento sexual. Essa dicotomia seria, segundo os autores, uma visão muito reducionista de um fenômeno complexo, permitindo compreensões variadas quanto aos seus componentes constituintes.

Estudiosos na área têm, de forma alternada, conceitualizado a satisfação sexual como (a) um modelo de trocas interpessoais (custos e recompensas); (b) um construto psicológico que avalia o contentamento com a vida sexual em geral e, (c) um construto que inclui os entrelaçados aspectos emocionais/físicos e relacionais da satisfação sexual. Conseqüentemente, a operacionalização de satisfação sexual geral é frequentemente inconsistente entre os estudos, resultando na dificuldade na generalização dos achados (DUNDON, RELLINI, 2010; HAYES, DENNERSTEIN, 2005).

Quanto à avaliação da satisfação sexual, apesar de a percepção sensorial e a atividade intelectual possam estar em ponto mínimo, em geral há bastante compreensão consciente da satisfação sexual (FURLANETTO, RODRIGUES, 1996). Assim, sua medição é viável e de suma importância. Os questionários existentes na sexologia, no entanto, não consideram suficientemente a extensão da satisfação sexual (BÜSING, HOPPE, LIEDTKE, 2001). Sem meios de avaliar a satisfação sexual, é impossível descrever o que é "normal" em termos de satisfação imediata ou em avaliar os efeitos de terapias que se propõem a auxiliar na restauração da satisfação sexual (DAVISON, BELL, CHINA, HOLDEN, DAVIS, 2008).

Entre as medidas existentes, há uma tendência comum que mede a avaliação da satisfação sexual com base na funcionalidade sexual. No entanto, Fegg et al. (2003), ao investigarem pacientes com severas limitações físicas, observaram que,

apesar dos diversos problemas na funcionalidade sexual desses pacientes, a satisfação na relação afetivo/sexual não diferiu significativamente da população saudável. Essa constatação leva a crer que o foco exclusivo nas questões fisiológicas não traduz a satisfação sexual, e que, talvez, outras variáveis podem modulá-la. Segundo Ribeiro e Raimundo (2005), o estudo do funcionamento sexual tende a centrar-se em aspectos de funcionalidade, ou seja, na realização ou consecução do ato sexual, secundarizando a satisfação com essa realização. Segundo os autores, o estudo da disfuncionalidade sexual tem, por sua vez, sobrevalorizado um modelo masculino, embora se reconheça que os homens e as mulheres diferem de forma notória nas respostas fisiológicas, na vivência subjetiva do desejo sexual e no modo como são estimulados (ALTHOF, LEIBLUM, CHEVRET-MEASSON, HARTMANN, LEVINE, MCCABE, PLAUT, RODRIGUES, WYLIE, 2005). Assim, alguns autores enfatizam não somente a importância do componente físico da satisfação sexual (isto é, frequência de coito sexual e orgasmo), mas também dos componentes afetivos e emocionais (BARRIENTOS, PAEZ, 2006; DAVISON et al., 2008). O foco mecanicista na funcionalidade/disfuncionalidade falha em incluir as variáveis mais amplas como a percepção de satisfação sexual do paciente e do parceiro e a qualidade de vida do paciente com disfunção (ALTHOF et al., 2005).

Pesquisas recentes estabelecem a importância da satisfação com o coito e a frequência de orgasmo e o intercuro como preditor da satisfação sexual (BRODY, COSTA, 2009; HAAVIO-MANNILA, KONTULA, 1997; LAUMANN, GAGNON, MICHAEL, MICHAELS, 2000; WAITE, JOYNER, 2001). No Brasil, Furlanetto e Rodrigues (1996) verificaram a associação entre orgasmo e satisfação sexual. Segundo eles, a cultura brasileira tende a projetar a relação sexual sem orgasmo como frustrante. Althof et al. (2005) criticam essa abordagem por considerarem que há uma ignorância das possíveis mudanças positivas na percepção da satisfação sexual e intimidade emocional e física. Lau, Wang e

Yang (2006) ainda polemizam a questão da frequência sexual como critério válido a ser considerado quando encontram nos resultados de seus estudos que as mulheres com disfunções sexuais têm frequência sexual maior, embora sejam sexualmente insatisfeitas, que aquelas que não apresentam tais disfunções. Esses autores argumentam que provavelmente muitas delas mantenham relações sexuais com parceiros por dever, cumprindo uma obrigação conjugal, o que demonstra que a frequência por si só é variável e limitada para se avaliar a satisfação sexual.

Barrientos e Paez (2006) apontaram como importantes variáveis associadas à satisfação sexual: as sensações pós-sexuais, alegria particular ou prazer, a ausência de discrepâncias nas relações sexuais desejadas e a comunicação de tópicos sexuais. Abdo, Oliveira Jr., Moreira Jr. e Fittipaldi (2002), ao avaliarem o perfil sexual da população brasileira, identificaram que existe uma valorização do carinho, afeto, beijos e abraços como fatores importantes da atividade sexual, vinculando, segundo os autores, essa atividade à presença de elementos afetivos, em grande proporção dos casos. Além disso, Rowland et al. (2004) encontraram que para homens com e sem ejaculação precoce (em relação estável de pelo menos 6 meses) a capacidade de satisfazer as necessidades sexuais da parceira é o fator mais determinante na sua percepção de satisfação sexual geral.

Além disso, muitos estudos demonstram a relação entre a satisfação sexual e fatores emocionais, físicos e comunicacionais (HAAVIO-MANNILA, KONTULA, 1997; BARRIENTOS, PAEZ, 2006; CHRISTOPHER, SPRECHER, 2000; HANING, O'XEEFE, RANDALL, KOMMOR, BAKER, WILSON, 2007; MACNEIL, BYERS, 2009; SPRECHER, 2002).

Barrientos e Paez (2006) verificaram que as mulheres que acreditam na duração da sua relação, ou seja, na continuidade da relação, são sexualmente mais satisfeitas. Além disso, as pesquisas mostram que a satisfação sexual e a satisfação

com o relacionamento variam conjuntamente, apesar da causalidade ainda não ter sido estabelecida (BYERS, MACNEIL, 2006).

Segundo, Dundon e Rellini (2010), a literatura ainda não fornece um instrumento que acesse os três domínios aqui destacados: satisfação com proximidade emocional durante o sexo, com a relação sexual e com a vida sexual em geral. O desenvolvimento de um instrumento que seja capaz de acessar estes três domínios da satisfação sexual tanto de homens quanto de mulheres é extremamente necessário. O primeiro domínio refere-se a fatores relacionais, o segundo com a questão físicas, e o terceiro com questões emocionais.

Na proposta de Philippsohn e Hartmann (2009), as mesmas dimensões aparecem no entanto distribuídas de forma diferente. Os autores propõem um modelo de duas dimensões para a satisfação sexual coital, em que a primeira delas é relacional e envolve sentimentos de proximidade com o parceiro (sentimento de segurança, de não estar só, de unidade); a segunda refere-se à própria mulher e suas experiências físicas e emocionais (segurança interna, sentimento de contentamento, em harmonia consigo mesmo, livre de tensão sexual, saciado prazerosamente, em equilíbrio, experimentar o orgasmo, feliz e relaxado). No entanto, é importante ressaltar que ambas as dimensões provaram ser partes integrais e indispensáveis da satisfação sexual por si só, em vez de apenas estarem relacionadas, como muitos modelos pressupõem.

De forma similar, Haavio-Mannila e Kontula (1997) operacionalizam a satisfação sexual em: satisfação emocional e prazer físico. Segundo os autores, a satisfação sexual está associada na mesma extensão tanto com a satisfação emocional quanto com o prazer físico.

No conhecido modelo de Basson (2001), também há a inclusão dos aspectos físicos e emocionais da satisfação sexual. A autora utiliza esses conceitos como conexão entre a excitação e a intimidade emocional. Ela defende que os modelos

não lineares de compreensão da sexualidade, que têm sido propostos mais recentemente e que parecem mais apropriados para explicar o funcionamento sexual, tornam claro que a resposta sexual feminina não é uma imagem em espelho da resposta sexual masculina, quer a subjetiva, quer a objetiva ou desenvolvimental. Althof et al. (2005) defendem que a experiência subjetiva joga uma importância primária para muitas mulheres, e que ela é independente de indicadores objetivos ou fisiológicos.

Nos estudos de Hatfield, Sprecher, Pillemer, Greenberger e Wexler (1988) foi encontrado que para as mulheres a qualidade emocional das interações sexuais parece ser a influência mais importante nas suas avaliações do relacionamento sexual, indicando que as mulheres que estão insatisfeitas querem mais amor, afeição e carinho, enquanto que para os homens, a quantidade da atividade sexual é mais importante, dado que os homens que se declaram insatisfeitos querem mais frequência e variedade de atividades sexuais.

No entanto, os dados ainda são contrastantes. Nos estudos de Johannes e Avis (1997), por exemplo, essa diferença não foi encontrada. Os resultados da dissertação de mestrado de Diehl (2000) demonstraram que no caso dos homens os problemas sexuais foram muitos, principalmente em relação às disfunções sexuais; no caso das mulheres, foram mais ligadas aos aspectos de interação com o parceiro. Apesar disso, o nível de insatisfação foi baixo em ambos os sexos. No Brasil, Abdo et al. (2002) identificou que os índices de satisfação sexual entre brasileiras e brasileiros não variou muito: 44% e 48%, respectivamente. Mah e Binik (2005) conferem essa igualdade à similaridade entre os sexos quanto à experiência subjetiva do orgasmo. Assim, permanece a necessidade de investigar os componentes da satisfação sexual entre os sexos, suas semelhanças e diferenças.

Segundo Pacagnella, Martinez e Vieira (2009), no Brasil existem poucos questionários desenvolvidos para avaliar a função sexual e não há questionários desenvolvidos em língua estrangeira

que tenham sido adequadamente adaptados e validados para o contexto cultural brasileiro. No entanto, Falcão, Ciconelli e Ferraz (2003) sustentam que a adaptação transcultural mesmo com rigor pode garantir a validade do instrumento na população de destino, porém existem poucas garantias de que as propriedades psicométricas do instrumento se mantenham.

Considerando que o sexo é um dos principais recursos ou fonte de gratificação/frustração das relações humanas (ALFERES, 1993) e que a aliança e a sexualidade constituem, sem dúvida, duas importantes dimensões da vida conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 1987), o presente estudo, ao levar em consideração essas duas máximas, deseja não somente realçar como construir instrumento rigoroso de análise de graus de satisfação sexual dos parceiros. Em última instância, busca-se neste estudo contribuir com a terapêutica.

Assim, propõe-se neste trabalho a construção de um instrumento de medida de satisfação sexual que contemple a satisfação emocional (tanto no âmbito interpessoal quanto na experiência pessoal e íntima) e o prazer físico.

Método

Considerando o fato de que a satisfação sexual pode ser avaliada por meio de escalas com múltiplos itens (CHRISTOPHER, SPRECHER, 2000), é possível identificar os preditores estatísticos da satisfação sexual por meio de levantamentos e técnicas estatísticas (HANING et al., 2007).

A opção pela construção e não pela adaptação de um instrumento se deu em função da tendência predominante das escalas em medir a satisfação sexual por meio da funcionalidade da resposta sexual. A crítica está na observação clínica de que é possível a obtenção da satisfação sem, por exemplo, atingir o orgasmo, ou, ainda, sem inicialmente ter desejo, mas com o início da relação atingir excitação, platô e orgasmo. Além disso, não foi possível encontrar uma escala que avaliasse sa-

tisfatoriamente tanto o determinante físico quanto o psicológico da satisfação sexual neste trabalho proposto.

Participantes

A amostra foi constituída de 799 participantes (54,1% mulheres e 45,9% homens) entre 25 e 65 anos ($m=41,4$; $dp=12$) em relação heterossexual estável (mais de 6 meses de coabitação) ($m=13$ anos; $dp=9,7$ anos). Destes, 23,2% encontra-se em *status* conjugal de coabitação, enquanto que 76,8% são casados.

A amostra foi composta por sujeitos de 4 das 5 regiões brasileiras. A região Sul representou 74%; Sudeste, 13,2%; Centro-Oeste, 4,9%; Nordeste, 7,9%.

Não houve critérios quanto à escolaridade, religião, nem quanto ao número de filhos. Essas variáveis foram utilizadas apenas como dados de comparação. O controle quanto à prática ou não de atividade sexual não serviu como critério de seleção em função da garantia de sigilo aos participantes. No entanto, somente os ativos sexualmente compuseram a amostra utilizada para análise.

Procedimento

Elaboração dos itens e validade de conteúdo e convergente

Com base em uma análise sistematizada das escalas utilizadas pelas pesquisas sobre satisfação sexual desenvolvidas entre 2001 e 2007 (WAINBERG, STENERT, HUTZ, 2009), foram adaptados itens pré-existentes que contemplam o prazer físico e a satisfação psicológica com a relação sexual (LIU, 2003).

Para avaliar a satisfação sexual, foi neste trabalho construído o Inventário de Satisfação Sexual composto por: Escala de Satisfação Sexual Emocional, Escala de Satisfação com Atividades Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo.

Para avaliar a satisfação sexual no aspec-

to emocional ou psicológico, foram inicialmente postulados 81 itens, no que intitulou-se *Escala de Satisfação Sexual Emocional*. Entre eles, aspectos relacionados à relação (comunicação, segurança, confidencialidade, exclusividade, sentimento, entre outros) e aspectos individuais (autoimagem, bem-estar sexual, segurança, nojo, entre outros).

Na segunda escala intitulada *Escala de Satisfação com Atividades Sexuais*, foram acrescentadas práticas específicas da atividade sexual e solicitado aos sujeitos para avaliar o grau de satisfação em cada uma delas (como proposto por Whitley, 1998). Alguns autores sugerem que o foco específico na satisfação sexual no casamento – e não nas experiências e comportamentos sexuais – pode ser uma potencial limitação de alguns estudos (BUTZER, CAMPBELL, 2008). Levando esse cuidado em consideração, foram incluídas atividades não genitais tais como dançar, beijar, ver filmes eróticos, massagear o corpo, bem como atividades diretamente genitalizadas, como penetração pênis-vagina, sexo anal, penetração mais estímulo clitoriano, masturbação etc.

Por fim, a terceira escala intitulada *Escala de Satisfação com o Orgasmo* abrangeu itens específicos para aqueles que conseguem chegar ao orgasmo. Esta alternativa pressupõe orgasmo e satisfação sexual como dois construtos distintos. Salienta-se que o papel do orgasmo na satisfação sexual não é desconsiderando. Apenas se está possibilitando a avaliação da satisfação sexual daqueles que não atingem o orgasmo.

A versão inicial do instrumento foi submetida à uma amostra de vinte participantes, realizada para avaliar dificuldades no preenchimento e compreensão dos itens. Por fim, três juízes especialistas foram consultados para estabelecer a validade de conteúdo dos itens. Com base nesse procedimento, a Escala de Satisfação Sexual Emocional – Versão Feminina e versão Masculina (o instrumentos completo pode ser adquirido com os autores) – foram submetidas às últimas modificações antes da aplicação propriamente dita.

Para fins de verificação da validade divergente, um instrumento para avaliar a funcionalidade sexual foi também aplicado. O Quociente da Função Sexual – Versão Masculina (ABDO, 2006a) – e o Quociente da Função Sexual – Versão Feminina (ABDO, 2006b) – são instrumentos com dez itens que avaliam as etapas do ciclo da resposta sexual.

Coleta de dados

Foram feitos contatos com colaboradores de nove estados brasileiros: estudantes ou profissionais da área da saúde e educação. Os colaboradores locais foram instruídos pessoalmente pela pesquisadora. Nos outros estados, os colaboradores receberam uma carta com os cuidados gerais sobre a aplicação dos questionários. Todas as dúvidas quanto à aplicação foram respondidas via *e-mail* antes de seu início. A coleta foi aplicada de maneira coletiva e individual. Nesta, um *rapport* inicial, seguido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o preenchimento de dados de identificação antecederam a aplicação do instrumento, assim como o Quociente desenvolvido para o seu gênero. Os sujeitos foram solicitados a responder de uma só vez, seguindo a ordem proposta. A aplicação teve duração de 15 a 30 minutos. Na entrega, os entrevistadores verificaram o lacre adequado do envelope com a presença do entrevistado.

Considerações éticas

Para a coleta de dados, os participantes responderam aos instrumentos em aplicações realizadas individualmente ou coletivamente. Os indivíduos receberam os questionários com um envelope com possibilidade de lacre. Um *rapport* inicial com uma breve explicação dos objetivos da pesquisa foi passado, juntamente com a ressalva da voluntariedade da participação nesta pesquisa. Todos foram informados que o questionário só seria aberto após a finalização da coleta

como um todo, preservando seus anonimatos. Foi então solicitada aos participantes a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, construído com base nas orientações explicitadas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução Nº196/1996) e pelo Conselho Federal de Psicologia (Resolução Nº016/2000) acerca da ética na pesquisa. Durante a coleta e a análise de dados foram tomadas todas as medidas necessárias para garantir seu sigilo e sua confidencialidade. Os participantes foram informados desde o início do processo que não receberiam os resultados dos instrumentos. No entanto, o e-mail da pesquisadora foi disponibilizado para dúvidas. Assim, um cuidado ao participante pôde ser oferecido e, no caso de necessidade, o encaminhado para atendimento especializado poderia ser sugerido.

Resultados

Os resultados são apresentados para

cada uma das escalas construídas para que se possa posteriormente analisar suas correlações. Assim, a Escala de Satisfação Sexual Emocional, a Escala de Satisfação em Atividade Sexuais e a Escala de Satisfação com o Orgasmo são analisadas separadamente. Além disso, devido às diferenças entre os gêneros e do instrumento ter sido construído com questões específicas para cada um deles, as análises foram realizadas separadamente para cada versão.

Escala de Satisfação Sexual Emocional (ESSE)

Análise Fatorial

Para ambas as versões (masculina e feminina), a solução de um fator mostrou-se a mais pertinente. Nas Tabelas 1 e 2 podemos visualizar os itens que permaneceram, suas respectivas cargas fatoriais e as demais características psicométricas. Além disso, as comunalidades na versão feminina variam de 0,20 a 0,71, enquanto que na versão masculina variam de 0,22 a 0,67.

Tabela 1: Cargas fatoriais da ESSE Feminina

	Carga Fatorial
1- Digo ao meu parceiro o que gosto sexualmente.	0,600
10- Nosso sexo é divertido.	0,675
15- Fico angustiada na atividade sexual com meu parceiro.	-0,719
19- Sinto-me à vontade para falar sobre sexo de um modo geral.	0,655
22- Reservo tempo para minha vida sexual com meu parceiro.	0,697
23- Sinto muita espontaneidade (naturalidade) na forma como faço sexo.	0,780
30- Meu companheiro é ótimo parceiro sexual.	0,776
33- Entrego-me totalmente quando faço sexo.	0,735
34- Tento evitar contato sexual com meu parceiro.	-0,653
35- Meu parceiro aprecia nossa vida sexual.	0,726
41- Tenho conseguido fazer sexo quando e como quero.	0,654
43- Tenho segurança que posso ficar excitada quando há clima.	0,558
44- Sinto-me obrigada a fazer sexo com meu parceiro.	-0,578
47- Meu parceiro é sexualmente muito excitante.	0,748
48- Sinto que nossa vida sexual contribui para nosso relacionamento.	0,725
52- Meu parceiro me satisfaz sexualmente.	0,803
55- Sinto que não correspondo às iniciativas sexuais de meu parceiro.	-0,635
57- Consigo obter facilmente uma relação sexual satisfatória.	0,773
59- As carícias antes da atividade sexual são muito estimulantes para mim.	0,450

60- Gosto das técnicas sexuais que meu parceiro usa.	0,705
61- Costumo comentar com o meu parceiro o quanto gostei do sexo com ele.	0,666
62- Minha vida sexual é excitante.	0,840
69- Meu parceiro responde positivamente aos meus desejos e solicitações sexuais.	0,659
70- Chego ao orgasmo nas relações sexuais que realizo.	0,645
72- Meu parceiro sabe me deixar excitada.	0,810
73- Tenho dificuldade em permitir que meu parceiro me toque.	-0,523
74- Sinto-me muito segura quanto às minhas habilidades sexuais.	0,607
78- Fico ansiosa ou inibida durante a atividade sexual com meu parceiro.	-0,535
83- Hoje, o grau de satisfação na minha vida sexual é com meu parceiro é:	0,772

Eigenvalue=13,64; 47,0% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,85 KMO= 0,96; Bartlett ($p<0,001$)

*os itens com carga negativa foram invertidos para fins de cálculos de médias

Tabela 2: Cargas fatoriais da ESSE Masculina

	Carga Fatorial
5- Tenho orgasmos bons.	0,659
10- Nosso sexo é divertido.	0,642
16- Minha parceira e eu nos entendemos, quando o assunto é sexo.	0,724
19- Sinto-me à vontade para falar sobre sexo de um modo geral.	0,554
22- Reservo tempo para minha vida sexual com minha parceira.	0,518
23- Sinto muita espontaneidade (naturalidade) na forma como faço sexo.	0,647
30- Minha companheira é ótima parceira sexual.	0,794
32- Tenho segurança da minha capacidade de sedução.	0,560
33- Entrego-me totalmente quando faço sexo.	0,586
34- Tento evitar contato sexual com minha parceira.	-0,604
35- Minha parceira aprecia nossa vida sexual.	0,730
37- Gosto da forma como nos relacionamos após o sexo.	0,649
38- Sinto-me relaxado e completo depois do sexo.	0,689
40- O sexo com minha parceira me causa raiva.	-0,538
41- Tenho conseguido fazer sexo quando e como quero.	0,584
44- Sinto-me obrigado a fazer sexo com minha parceira.	-0,464
47- Minha parceira é sexualmente muito excitante.	0,699
48- Sinto que nossa vida sexual contribui para nosso relacionamento.	0,765
51- Um de nós costuma estar cansado demais para o sexo.	-0,452
52- Minha parceira me satisfaz sexualmente.	0,788
53- Minha parceira sabe me surpreender sexualmente.	0,634
56- Sinto-me estressado e tenso durante a atividade sexual.	-0,542
57- Consigo obter facilmente uma relação sexual satisfatória.	0,630
59- As carícias antes da atividade sexual são muito estimulantes para mim.	0,471
61- Costumo comentar com a minha parceira o quanto gostei do sexo com ela.	0,639
62- Minha vida sexual é excitante.	0,817
65- Evito abraçar ou beijar minha parceira porque ela acha que isso levará a uma relação sexual.	-0,524
72- Minha parceira sabe me deixar excitado.	0,725
74- Sinto-me muito seguro quanto às minhas habilidades sexuais.	0,545

77- Minha parceira me critica antes, durante, ou logo após a atividade sexual.	-0,467
78- Fico ansioso ou inibido durante a atividade sexual com minha parceira.	-0,516
83- Hoje, o grau de satisfação na minha vida sexual é com minha parceira é:	0,763

Eigenvalue=12,75; 39,8% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,88 KMO= 0,94; Bartlett ($p<0,001$).

*os itens com carga negativa foram invertidos para fins de cálculos de médias

Validade Convergente: ao relacionar a ESSE Masculina com o Quociente Sexual Masculino (ABDO, 2006a) por meio da correlação de Pearson, verifica-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,59$, $p<0,001$). Por sua vez, a ESSE Feminina também obteve uma correlação positiva e moderada ($r=0,78$, $p<0,001$).

Versão Feminina

Para esta escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,23 e 0,57. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, e a Tabela 3 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Escala de satisfação em atividades sexuais

Tabela 3: Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais femininas

	Carga Fatorial
2. Acariciar o parceiro.	0,756
3. Beijo de língua.	0,662
4. Massagear o corpo do parceiro.	0,718
5. O parceiro fazer sexo oral em você.	0,483
6. Despir-se em frente do parceiro.	0,540
7. Sexo com penetração.	0,617
8. Abraçar o parceiro.	0,624
9. Ter os seios acariciados pelo parceiro	0,667
10. Conversar com o parceiro durante o sexo.	0,538
11. Ver o parceiro se despir.	0,699
12. O parceiro fazer estimulação manual na sua área genital.	0,532
15. Tomar banho com o parceiro.	0,669
16. Dançar com o parceiro.	0,537
17. Ter o seu corpo massageado pelo parceiro.	0,603
18. Ter suas coxas e pernas acariciadas.	0,667
20. Fazer sexo oral no parceiro.	0,641
21. Dormir abraçados.	0,585
22. Acariciar o peito do parceiro.	0,718
23. Acariciar/manipular o pênis do parceiro.	0,744
24. Ter minhas nádegas (bumbum) acariciadas.	0,646

Eigenvalue=8,1; 40,55% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,92.

KMO= 0,90; Bartlett ($p<0,001$).

Validade Convergente: ao relacionar a Escala de Satisfação com Atividades Sexuais Femininas com o Quociente Sexual Feminino (ABDO, 2006b) por meio da correlação de Pearson, verifica-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,52$, $p<0,001$).

Versão Masculina

Para esta escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,23 e 0,55. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, e a Tabela 4 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 4: Cargas fatoriais da escala de satisfação com atividades sexuais masculinas

	Carga Fatorial
2. Acariciar a parceira.	0,696
3. Beijo de língua.	0,682
4. Massagear o corpo da parceira.	0,687
5. A parceira fazer sexo oral em você.	0,508
6. Despir-se em frente da parceira.	0,527
7. Sexo com penetração.	0,503
8. Abraçar a parceira.	0,700
9. Ter o peito (tórax) acariciado pela parceira.	0,701
10. Conversar com a parceira durante o sexo.	0,541
11. Ver a parceira se despir.	0,702
12. A parceira fazer estimulação manual na sua área genital.	0,623
15. Tomar banho com a parceira.	0,729
16. Dançar com a parceira.	0,569
17. Ter o seu corpo massageado pela parceira.	0,704
18. Ter suas coxas e pernas acariciadas.	0,696
19. Assistir a filmes eróticos.	0,482
20. Fazer sexo oral na parceira.	0,601
21. Dormir abraçados.	0,541
22. Tocar os seios da parceira.	0,741
23. Estimular os seios da parceira com a boca (língua e lábios).	0,684
24. Acariciar as nádegas (bumbum) de minha parceira.	0,664

Eigenvalue=8,55; 40,7% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,91.

KMO= 0,91; Bartlett ($p<0,001$).

Validade Convergente: ao relacionar a Escala de Satisfação com Atividades Sexuais Masculinas com o Quociente Sexual Masculino (ABDO, 2006a) por meio da correlação de Pearson, verifica-se uma correlação ($r=0,28$, $p<0,001$).

Escala de satisfação com orgasmo

Versão Feminina

Para esta escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,37 e 0,60. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, e a Tabela 5 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 5: Cargas fatoriais da escala de satisfação com o orgasmo feminino

	Carga Fatorial
3. Combinação de penetração pênis/vagina e estimulação do clitóris.	0,610
6. Manipulação do clitóris pelo parceiro.	0,624
9. Sexo oral.	0,655
11. Os dois chegarem ao orgasmo juntos.	0,760
12. Orgasmo logo em seguida do orgasmo do parceiro.	0,778
13. Orgasmo do parceiro logo em seguida ao seu orgasmo.	0,745

Eigenvalue=2,92; 48,8% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,78

KMO= 0,78; Bartlett ($p<0,001$)

Validade Convergente: ao relacionar a *Escala de Satisfação com Orgasmo Feminino* com o Quociente Sexual Feminino (ABDO, 2006b) por meio da correlação de Pearson, verifica-se correlação ($r=0,31$, $p<0,001$).

Versão Masculina

Para esta escala, foram mantidos os itens com comunalidades entre 0,28 e 0,56. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação Varimax, e a Tabela 6 descreve as cargas fatoriais da solução unifatorial (melhor solução), bem como as demais propriedades psicométricas da escala.

Tabela 6: Cargas fatoriais da escala de satisfação com orgasmo masculino

	Carga Fatorial
1. Somente com penetração pênis/vagina.	0,533
4. A parceira masturbar você.	0,749
5. Masturbação por você mesmo.	0,660
8. Sexo oral	0,536
9. Os dois chegarem ao orgasmo juntos.	0,698
10. Orgasmo logo em seguida do orgasmo da parceira.	0,635

Eigenvalue=2,46; 40,1% de variância explicada.

Alfa de Cronbach=0,70.

KMO= 0,72; Bartlett ($p<0,001$).

Validade Convergente: ao relacionar a Escala de Satisfação com Orgasmo Masculino com o Quociente Sexual Masculino (ABDO, 2006a) por meio da correlação de Pearson, verifica-se uma correlação positiva e moderada ($r=0,48$, $p<0,001$).

Comparações entre grupos e correlações entre variáveis

Com a intenção de avaliar possíveis diferenças entre as regiões geopolíticas brasileiras, religiões, se ser praticante dessa religião, escolaridade, *status* conjugal (casados ou coabitando) e presença de filhos morando com o casal em relação à satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo, foram realizadas ANOVAs e testes t.

Feminino

Entre as mulheres, não se verificou diferenças de satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo em relação às regiões geopolíticas, tampouco entre as diferentes religiões. Ser praticante ou não dessas religiões não indicou diferenças de satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo. No entanto, no quesito “satisfação sexual [t(390)=3,0; p<0,05]” diferenças significativas foram verificadas. Apesar do efeito pequeno (d=0,3), as religiosas praticantes indicaram maior satisfação sexual (M=4,07; dp=0,61)

do que as não praticantes (M=3,87; dp=0,7).

Ainda entre as mulheres, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação à satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo.

Também não se verificou diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em nenhuma das escalas. O mesmo pode ser dito quanto à presença ou não de filhos morando com casal.

Na Tabela 7, pode-se verificar as correlações das variáveis estudadas com a idade, tempo de relacionamento e frequência sexual.

Tabela 7: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre as mulheres

Variáveis	1	2	3	4	5
1. Idade	-				
2. Tempo de Relacionamento	0,78*	-			
3. Frequência Sexual	-0,26*	-0,26*	-		
4. Satisfação Sexual	-0,10*	-0,13*	0,44*	-	
5. Satisfação em Atividades Sexuais	0,03	0,06	0,19*	0,63*	-
6. Satisfação com Orgasmo	-0,01	0,10	0,03	0,42*	0,31*

*correlação significativa ao nível de p<0,01.

Entre os homens, não se verificou diferenças de satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo em relação às regiões geopolíticas brasileiras. Tampouco foram encontradas diferenças entre diferentes religiões. Além disso, ser praticante ou não dessas religiões não indicou diferenças para os homens.

Ainda entre os homens, não houve diferenças significativas entre a escolaridade em relação à satisfação sexual e satisfação com atividades sexuais. No entanto, com relação a esse quesito, verificou-se diferenças de satisfação com orgasmo [F(3,301)=3,46; p<0,02]. Teste *Post Hoc* (Tuckey) revelou diferenças entre os sujeitos com ensino fundamental incompleto e completo (M=4,69; dp=0,3) com aqueles com ensino médio incompleto e in-

completo (M=4,27; dp=0,6; p<0,05; d=0,8) e ensino superior incompleto e completo (M=4,29; dp=0,5; p<0,05; d=0,8).

Também não se verificou diferenças significativas entre o *status* conjugal (casados ou coabitando) em relação à satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais e satisfação com orgasmo. O mesmo pode ser dito quanto à presença ou não de filhos morando com casal.

Na tabela abaixo é possível visualizar as correlações entre as variáveis investigadas com a idade, tempo de relacionamento e a frequência sexual.

Tabela 8: Correlações entre variáveis de satisfação sexual e idade, tempo de relacionamento e frequência sexual entre os homens

Variáveis	1	2	3	4	5
1. Idade	-				
2. Tempo de Relacionamento	0,50*	-			
3. Frequência Sexual	0,37*	-0,01	-		
4. Satisfação Sexual	-0,04	-0,04	0,07	-	
5. Satisfação em Atividades Sexuais	0,08	0,01	0,10	0,55*	-
6. Satisfação com Orgasmo	-0,04	-0,02	0,07	0,30*	0,44*

*correlação significativa ao nível de $p < 0,01$

Por fim, com o intuito de avaliar possíveis diferenças entre os sexos em relação às variáveis das escalas desenvolvidas, foram realizadas comparações entre homens e mulheres. Não foi verificada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres em relação à satisfação com orgasmo [$t(686)=0,9$; $p < 0,05$]. Contudo, verificaram-se diferenças significativas entre os sexos quanto à satisfação sexual [$t(780)=2,47$; $p < 0,02$] e à satisfação com atividades sexuais [$t(701)=5,0$; $p < 0,01$]. Observou-se que homens apresentaram médias superiores ($M=4,07$; $dp=0,5$) às mulheres ($M=3,96$; $dp=0,7$) em relação à satisfação sexual ($d=0,2$). Os homens também apresentaram médias superiores ($M=4,33$; $dp=0,5$) às mulheres ($M=4,10$; $dp=0,6$) em relação à satisfação com atividades específicas ($d=0,4$).

Discussão

O presente estudo buscou construir um instrumento capaz de medir a satisfação sexual de homens e mulheres. Com base no que sugere a teoria (MESTON, TRAPNELL, 2005), devem ser consideradas as variáveis relacionais e pessoais. Para isso, a *Escala de Satisfação Sexual Emocional* foi desenvolvida. A satisfação em vivências e comportamentos sexuais pôde ser avaliada por meio da *Escala de Satisfação em Atividades Sexuais*, ampliando a visão da satisfação como apenas um resultado de uma boa relação conjugal. Além deste, o papel do orgasmo na satisfação sexual é sabidamente

conhecido. No entanto, o cuidado para não reduzir a satisfação ao prazer físico esteve presente nesta avaliação com possibilidade de avaliar a satisfação com orgasmo para aqueles que o atingem. Devido a isso, uma escala – *Escala de Satisfação com Orgasmo* –, que busca investigar a satisfação com o orgasmo, foi desenvolvida e correlacionada com os aspectos emocionais da satisfação sexual.

As novas versões das três escalas apresentaram boas qualidades psicométricas, tornando-se uma nova opção de avaliação da satisfação sexual de homens e mulheres.

A correlação entre as escalas demonstrou o grau de associação entre elas, e que, como esperado, cada uma avalia um aspecto diferente da satisfação sexual. Com o intuito de diferenciar a satisfação sexual com a funcionalidade sexual, as escalas evidenciaram validades convergentes apropriadas, demonstrando que a funcionalidade sexual possui uma correlação com a satisfação sexual, no entanto são construtos diferentes. Isso reforça a perspectiva teórica de que outros aspectos da sexualidade (que não o funcionamento sexual estrito) possuem uma relação importante a ser considerada na avaliação deste construto (PECHORRO, DINIZ, VIEIRA, 2009).

Quanto à *Escala de Satisfação Sexual Emocional*, era esperado que fosse encontrada uma multifatoriedade como melhor solução. A unifatoriedade encontrada leva a pensar na avaliação da satisfação sexual na qual os brasileiros não discriminam quais os fatores que compõe esta va-

riável, percebendo as questões emocionais como intrínsecas à satisfação sexual. Essa característica fatorial não invalida o poder de avaliação da ESSE; ela apenas contribui para uma discussão teórica quanto aos componentes da satisfação sexual.

É importante ressaltar, no entanto, que talvez a maneira como foi realizada a construção dos itens pode ter influenciado na eliminação de tantos itens. Apesar de o conteúdo de muitos dos itens excluídos terem relevância teórica, talvez muitos deles não tenham sido redigidos de maneira em que a malignidade ou o favorecimento para a satisfação sexual tenha sido clara. Assim, os sujeitos podem ter respondido ao item “frequência alta” referindo-se à algo favorável, enquanto que outros com algo desfavorável. (Por exemplo, o item “gostaria de praticar mais sexo do que pratico”, que poderia ter sido respondido com “frequência alta” devido à insatisfação ou porque está tão satisfeito que gostaria de praticar ainda mais.) Ou seja, provavelmente, esses itens não discriminam com clareza os sujeitos com altos e baixos índices de satisfação, e por isso foram excluídos. Assim, a multifatorialidade esperada pode ter sido comprometida. Além disso, uma análise da distribuição dos itens ainda se faz necessária, até mesmo para identificar o que foi mais frequente nas versões masculinas e femininas, buscando compreender o papel de cada variável analisada na sexualidade humana.

A *Escala de Satisfação em Atividades Sexuais* possibilita avaliar a sexualidade com base em comportamentos sexuais não genitais e genitais, aspectos que frequentemente são negligenciados pelos instrumentos que se destinam a avaliar a satisfação sexual. A pesquisa também mostrou boas qualidades psicométricas e a unifatorialidade em sua nova versão. Os itens que compõem as versões femininas e masculinas diferenciam ligeiramente, o que deverá ser melhor analisado em estudo descritivo. A sugestão dos novos itens pelos participantes também não puderam ser analisadas neste estudo, permanecendo a necessidade de analisá-los e testar sua importância para essa escala.

Por fim, a *Escala de Satisfação com Orgasmo* também apresentou boas qualidades psicométricas em sua nova versão. A composição dos itens com boas cargas fatoriais e consistência interna parece representar as práticas mais frequentemente encontradas como meios de obtenção de orgasmo. As características dos itens da versão feminina e masculina também merecem uma discussão mais aprofundada.

A análise dessas três escalas demonstrou que possuem significativa correlação entre elas sem, no entanto, representar equivalência. Análises de suas correlações com as variáveis sociodemográficas também demonstraram algumas diferenças nas correlações com cada uma das escalas.

Tanto entre homens quanto entre mulheres, não se verificou variações entre as diferentes regiões geopolíticas brasileiras nem entre as religiões. No entanto, para as mulheres, ser praticante de alguma religião indicou maior satisfação sexual do que as não praticantes, o que contradiz estudos anteriores (DAVIDSON, MOORE, UUSTRUP, 2004).

Alguns estudos (LAUMANN et al., 2000 WAITE, JOYNER, 2001) demonstram que o *status* conjugal (casados ou coabitando) teria relação com a satisfação sexual, em que os casados seriam sexualmente mais satisfeitos do que os não casados. No entanto, essa diferença não foi verificada neste estudo em nenhuma das três escalas. Essa diferença pode ter se dado devido à influência que o Código Civil Brasileiro tem na equiparação legal daqueles que coabitam em relação aos casados. Isso significa que aqueles que vivem juntos, pela lei brasileira, possuem os mesmos direitos e deveres do que aqueles que oficializam a relação com uma cerimônia. O efeito dessa segurança legal na garantia emocional do casal pode ter influenciado na semelhança dos resultados encontrados.

Ainda entre as características do casal, a presença ou não de filhos morando com o casal não mostrou diferenças nos índices de satisfação sexual, satisfação com atividades sexuais nem na satisfação com orgasmo, o que já era previsto por

estudos anteriores (LIU, 2003).

Enquanto para as mulheres a escolaridade não apresenta diferença entre as variáveis estudadas, para os homens, o grau de escolaridade parece influenciar nos níveis de satisfação com orgasmo, em que aqueles com menos estudos apresentam maiores índices de satisfação com relação ao orgasmo. Estudos anteriores argumentam que quanto maior o grau de escolaridade, maior a expectativa, gerando mais crítica em relação às práticas sexuais (HAAVIO-MANILLA, KONTULA, 1997; PARISH, LUO STOLZENBERG, LAUMANN, FARRER, PAN, 2007).

Ainda entre os homens, a idade, o tempo de relacionamento e a frequência sexual não mostraram correlação com as escalas analisadas. Contudo, entre as mulheres a situação foi diferente. Entre elas, a idade parece ter correlação negativa na satisfação sexual, correlação já prevista por outros autores (K. S. FUGL-MEYER, ÖBERG, LUNDBERG, LEWIN, A. FUGL-MEYER, 2006; HAAVIO-MANNILA, KONTULA, 1997), devido às mudanças físicas e hormonais mais intensas entre as mulheres a partir de certa idade (DEEKS, MCCABE, 2001). Não é possível negar a possibilidade de, no entanto, essa diminuição na satisfação sexual poder ter sido mediada pela diminuição na frequência sexual também encontrada neste grupo. O interessante é que a idade parece não apresentar correlação negativa na satisfação com as atividades sexuais propostas pela escala, assim como na satisfação com o orgasmo. Talvez os achados de alguns autores, que encontraram que a maior parte das mulheres tendem a achar as preliminares como o componente mais satisfatório do sexo com o companheiro (HISASUE, KUMAMOTO, SATO, MASUMORI, HORITA, KATO, 2005; PECHORRO, DINIZ, VIEIRA, 2009), possa ter relação com esse resultado. Alguns autores sugerem que essa diferença de gênero se dá em função de homens e mulheres experienciarem a intimidade sexual diferentemente, em que as mulheres frequentemente tendem a experimentar mais prazer no beijo, abraço e toque do

que pelo intercuro sexual (LARSON, PETERSON, HEATH, BIRCH, 2000). Além disso, a satisfação com o orgasmo também não se correlacionou com a idade. Isso pode ter ocorrido devido à aprendizagem em como chegar ao orgasmo com o passar do tempo e, com isso, maior experiência, ou, ainda, a expectativa em atingi-lo pode ter diminuído.

Para as mulheres, a satisfação sexual também demonstrou diferir com o passar do tempo em um relacionamento. Segundo pesquisas anteriores, isso ocorre devido à familiaridade que torna a vida sexual uma rotina ou até mesmo chata (EDWARDS, BOOTH, 1994; LAUMANN et al., 2000; PEDERSEN, BLEKESAUNE, 2003; SPRECHER, 2002). No entanto, os efeitos da duração de uma relação na satisfação sexual se devem, em parte, pela diminuição dos índices de satisfação observados com o aumento da idade (CARPENTER, NATHANSON, KIM, 2009), anteriormente discutido.

De modo geral, os fatores que contribuem para a satisfação sexual das mulheres tendem a ser mais complexos e numerosos do que para os homens (CARPENTER, NATHANSON, KIM, 2009), apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre a satisfação sexual de homens e mulheres.

Como referido, o presente artigo não abordou a discussão das frequências das questões que permaneceram na versão final, assim como as que foram eliminadas. Dados interessantes em relação à sexualidade feminina e masculina podem ser adquiridos por meio desses dados, e a correlação entre eles podem ser reveladoras. No entanto, o presente artigo objetivou a análise das características psicométricas dos instrumentos, limitando aqui o espaço de discussão. Além disso, como propõem Barrientos e Paez (2006) com relação às discrepâncias entre o casal também deverão ser analisadas como importantes variáveis associadas à satisfação sexual por meio da comparação dos resultados entre o casal. É preciso, ainda, um maior aprofundamento, com a proposta de um índice que contemple as três escalas construídas, além do

estabelecimento de pontos de corte com técnicas estatísticas específicas para tal (TRI, por exemplo).

Conclusão

O presente estudo buscou construir um instrumento de medida que busca avaliar a satisfação sexual contemplando o seu aspecto emocional ou psicológico, entre eles, aspectos relacionados à relação (comunicação, segurança, confidencialidade, exclusividade, sentimento, entre outros) e aspectos individuais (autoimagem, bem-estar sexual, segurança, nojo, entre outros), satisfação com atividades sexuais variadas e o prazer físico através do orgasmo. As escalas desenvolvidas apresentam boas características psicométricas e tornam-se uma opção de instrumento de avaliação da satisfação sexual para população brasileira.

Este estudo amplia a investigação da satisfação sexual da população brasileira, e acende a discussão entre a diferença existente entre homens e mulheres neste âmbito, mas principalmente para as semelhanças que cada vez mais podem ser encontradas. Além disso, contribui para a discussão teórica acerca dos componentes da satisfação sexual, chamando atenção para o aspecto emocional e relacional desse aspecto tão presente na vida de todas as pessoas, mas ao mesmo tempo tão pouco esclarecido.

Referências

- ABDO, C. H. N. Elaboração e validação do quociente sexual - versão masculina, uma escala para avaliar a função sexual do homem. **Revista Brasileira de Medicina**, 63 (1), 2006a.
- ABDO, C. H. N. Elaboração e validação do quociente sexual - versão feminina: uma escala para avaliar a função sexual da mulher. **Revista Brasileira de Medicina**, 63(9), 2006b.
- ABDO, C. H. N.; OLIVEIRA Jr., W. M.; Moreira Jr., E. D.; FITTIPALDI, J. A. S. Perfil sexual da população brasileira: resultados do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do Brasileiro. **Revista Brasileira de Medicina**, 59(4), p. 250-257, 2002.
- ALFERES, V. R. Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: VALA, J.; M. B. MONTEIRO (Eds.), **Psicologia Social** (pp.113-139). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- ALTHOF, S. E.; LEIBLUM, S. R.; CHEVRET-MEASSON, M.; HARTMANN, U.; LEVINE, S. B.; MCCABE, M.; PLAUT, M.; RODRIGUES, O.; WYLIE, K. Psychological and interpersonal dimensions of sexual function and dysfunction. **Journal of Sexual Medicine**, 2(6), p. 793-800, 2005.
- BARRIENTOS, J. E.; PAEZ, D. Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 32(5), p. 351-368, 2006.
- BASSON, R. J. Using a different model for female sexual response to address women's problematic low sexual desire. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 27, p. 395-403, 2001.
- BRODY, S.; COSTA, R. M. Satisfaction (Sexual, Life, Relationship, and Mental Health) Is Associated Directly with Penile-Vaginal Intercourse, but Inversely with Other Sexual Behavior Frequencies. **Journal of Sexual Medicine**, 6, p. 1947-1954, 2009.
- BÜSING, S.; HOPPE, C.; LIEDTKE, R. Sexual satisfaction of women-development and results of a questionnaire. **Psychother Psychosom Med Psychol.**, 51(2), p. 68-75, 2001.
- BYERS, E. S.; MACNEIL, S. Further validation of the Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 32(1), p. 53-69, 2006.
- CARPENTER, L. M.; NATHANSON, C.; KIM, Y. J. Physical Women, Emotional Men: Gender and Sexual Satisfaction in Midlife. **Arch Sex Behav**, 38, p. 87-107, 2009.

- CHRISTOPHER, F. S.; SPRECHER, S. Sexuality in marriage, dating, and other relationships: A decade review. **Journal of Marriage and the Family**, 62(4), p. 999-1017, 2000.
- CLAYTON, A. H. Epidemiology and Neurobiology of female sexual dysfunction. **Journal of Sexual Medicine**, 4, p. 260-268, 2007.
- DAVISON, S. L.; BELL, R. J.; LA CHINA, M.; HOLDEN, S. L.; DAVIS, S. R. Assessing Sexual Function in Well Women: Validity and Reliability of the Monash Women's Health Program Female Sexual Satisfaction Questionnaire. **J Sex Me**, 5, p. 2575-2586, 2008.
- DAVIDSON, J. K.; MOORE, N. B.; UUSTRUP, K. M. Religiosity and Sexual Responsibility: Relationships of Choice. **Am J Health Behav**, 28(4), p. 335-346, 2004.
- DAVIDSON, J. K.; DARLING, C.; NORTON, L. Religiosity and the sexuality of women: Sexual behaviour and sexual satisfaction revisited. **The Journal of Sex Research**, 32(3), p. 235-243, 1995.
- DEEKS, A.; MCCABE, M. Sexual function and the menopausal woman: The importance of age and partner's sexual functioning. **The Journal of Sex Research**, 38, p. 219-225, 2001.
- DIEHL, J. A. **A qualidade do funcionamento sexual de homens e mulheres**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado, 2000.
- DUNDON, C. M.; RELLINI, A. H. More than Sexual Function: Predictors of Sexual Satisfaction in a Sample of Women Age 40-70. **Journal of Sexual Medicine**, 7, p. 896-904, 2010.
- EDWARD W. M.; COLEMAN, E. Defining sexual health: A descriptive overview. **Arch Sex Behav.**, 33(3), 189-195, 2004.
- FALCÃO, D. M.; CICONELLI, R. M.; FERRAZ, M.B. (2003). Translation and cultural adaptation of quality of life questionnaires: An evaluation of methodology. **J Rheumatol**, 30, p. 379-385, 2003.
- FEGG, M. J.; GERL, A.; VOLLMER, T. C.; GRUBER, U.; JOST, C.; MEILER, S.; HIDDEMANN, W. Subjective quality of life and sexual functioning after germ-cell tumour therapy. **British Journal of Cancer**, 89(12), p. 2202-2206, 2003.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 3(3), p. 250-262, 1987.
- FUGL-MEYER, K. S.; ÖBERG, K.; LUNDBERG, P. O.; LEWIN, B.; FUGL-MEYER, A. OnOrgasm, Sexual Techniques, and Erotic Perceptions in 18- to 74-Year-Old Swedish Women. **J Sex Med.**, 3, p. 56-68, 2006.
- FURLANETTO, S.; RODRIGUES Jr., O. A satisfação sexual da mulher adulta. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 7, p. 131-143, 1996.
- HAAVIO-MANNILA, E.; KONTULA, O. Correlates of increased sexual satisfaction. **Archives of Sexual Behavior**, 26(4), p. 399-419, 1997.
- HANING, R. V.; O'KEEFE, S. L.; RANDALL, E. J.; KOMMOR, M. J.; BAKER, E.; WILSON, R. Intimacy, orgasm likelihood, and conflict predict sexual satisfaction in heterosexual male and female respondents. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 33(2), p. 93-113, 2007.

- HAYES, R.; DENNERSTEIN, L. The impact of aging on sexual function and sexual dysfunction in women. **Journal of Sexual Medicine**, 2, p. 317-330, 2005.
- HATFIELD, E.; SPRECHER, S.; PILLEMER, J. T.; GREENBERGER, D.; WEXLER, P. Gender differences in what desired in the sexual relationship. **Journal of Psychology & Human Sexuality**, 1, p. 39-52, 1988.
- HISASUE, S.; KUMAMOTO, Y.; SATO, Y.; MASUMORI, N.; HORITA, H.; KATO, R. et al. Prevalence of female sexual dysfunction symptoms and its relationship to quality of life: A Japanese female cohort study. **Urology**, 65, p. 143-148, 2005.
- JOHANNES, C. B.; AVIS, N. E. Gender differences in sexual activity among mid-aged adults in Massachusetts. **Maturitas: Journal of Climacteric & Postmenopause**, 26(3), p. 175-184, 1997.
- LARSON, J. H.; PETERSON, D. J.; HEATH, V. A.; BIRCH, P. The Relationship Between Perceived Dysfunctional Family-of-Origin Rules and Intimacy in Young Adult Dating Relationships. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 26, p. 161-175, 2000.
- LAUMANN, E. O.; GAGNON, J. H.; MICHAEL, R. T.; MICHAELS, S. **The social organization of sexuality: Sexual practices in the United States**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- LIU, C. Does quality of marital sex decline with duration? **Archives of Sexual Behavior**, 32(1), p. 55-60, 2003.
- MACNEIL S.; BYERS, S. Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. **J Sex Res.**, 1, p. 3-14, 2009.
- MAH, K.; BINIK, Y. A. Are orgasms in the mind or the body? Psychosocial versus physiological correlates of orgasmic pleasure and satisfaction. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 31(3), p. 187-200, 2005.
- MESTON, C.; TRAPNELL, P. Development and validation of a five-factor sexual satisfaction and distress scale for women: The Sexual Satisfaction Scale for Women (SSS-W). **Journal of Sexual Medicine**, 2(1), p. 66-81, 2005.
- MULHALL J.; KING R.; GLINA S.; HVIDSTEN, K. Importance of and satisfaction with sex among men and women worldwide: Results of the global better sex survey. **J Sex Med**, 5, p. 788-795, 2008.
- PACAGNELLA, R. C.; MARTINEZ, E. Z., VIEIRA, E. M. Validade de construto de uma versão em português do **Female Sexual Function Index**. **Cad. Saúde Pública**, 25(11), p. 2333-2344, 2009.
- PANGMAN, V. C.; SEGUIRE, M. Sexuality and the chronically ill older adult: A social justice issue. **Sexuality and Disability**, 18(1), p. 49-59, 2000.
- PARISH, W. L.; LUO, Y.; STOLZENBERG, R.; LAUMANN, E. O.; FARRER, G.; PAN, S. M. Sexual practices and sexual satisfaction: A population based study of Chinese urban adults. **Archives of Sexual Behavior**, 36(1), p. 5-20, 2007.
- PECHORRO, P.; DINIZ, A.; VIEIRA, R. Satisfação sexual feminina: Relação com funcionamento sexual e comportamentos sexuais. **Análise Psicológica**, XXVII, p. 99-108, 2009.
- PEDERSEN, W.; BLEKESAUNE, M. Sexual Satisfaction in Young Adulthood. **Acta Sociologica**, 46 (3), 179-193, 2003.

PHILIPPSOHN, S.; HARTMANN, U. Determinants of Sexual Satisfaction in a Sample of German Women. **Journal of Sexual Medicine**, 6(4), p. 1001-1010, 2009.

RIBEIRO, J. P.; RAIMUNDO, A. Estudo de adaptação do questionário de satisfação com o relacionamento sexual (QSRS) em mulheres com incontinência urinária. **Psicologia, Saúde e Doenças**, 6 (2), p. 191-202, 2005.

ROWLAND, D. L.; PERELMAN, M.; ALTHOF, S.; BARADA, J.; MCCULLOUGH, A.; BULL, S.; JAMIESON, C.; HO, K. F. Self-reported premature ejaculation and aspects of sexual functioning. **J Sex Med**, 1, p. 225, 2004.

SPRECHER, S. Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. **Journal of Sex Research**, 39(3), p. 190-196, 2002.

WAINBERG, L.; STENERT, F., HUTZ, C. S. Panorama da pesquisa sobre a satisfação sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, 20(2), p. 30-53, 2009.

WAITE, L. J.; JOYNER, K. Emotional satisfaction and physical pleasure in sexual unions: Time horizon, sexual behavior, and sexual exclusivity. **Journal of Marriage**, 2001.

WALTERS, A. S.; WILLIAMSON, G. M. Sexual satisfaction predicts quality of life: A study of adult amputees. **Sexuality and Disability**, 16(2), p. 103-115, 1998.

WHITLEY, M. P. Sexual Satisfaction Inventory. In C. M. Davis, W. L. Yarber, R. Bauserman, G. Schreer, S. L. Davis (Eds.), **Handbook of sexuality-related measures**, p. 519-521. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

YOUNG, M.; DENNY, G.; YOUNG, T.; LUQUIS, R. Sexual satisfaction among married women age 50 and older. **Psychological Reports**, 86(3), p. 1107-1122, 2000.